

**O OLHAR, A LENTE, E A LUTA NO CAMPO: CONSIDERAÇÕES
SOBRE AS IMAGENS FOTOGRÁFICAS DO SINDICATO DOS
JORNALISTAS DO RIO GRANDE DO SUL**

*THE LOOK, THE LENS, AND THE STRUGGLE IN THE
COUNTRYSIDE: A REVIEW OF THE IMAGES OF THE SINDICATO
DOS JORNALISTAS DO RIO GRANDE DO SUL*

Deise Formolo¹

Prof^a Dr^a Zita Rosane Possamai²

Resumo: Este ensaio objetiva apresentar a análise da forma de expressão e do conteúdo de cinco fotografias pertencentes ao acervo do Sindicato dos Jornalistas do Rio Grande do Sul – SINDJORS, com autoria do fotógrafo Luiz Abreu, cuja temática refere-se à luta pela terra no Rio Grande do Sul, década de 1980. Assim, os elementos da forma de expressão referem-se aos meios de produção dessas imagens, já os elementos de conteúdo relacionam-se ao contexto de produção dessas fotografias. Para tal, as imagens foram consideradas como unidades culturais e submetidas a uma grade interpretativa composta por diferentes categorias espaciais. Foram identificados e problematizados determinados padrões de visualidade, especialmente ligados à demonstração de força e aos objetos simbólicos, sugerindo-se que tais imagens construíram representações vinculadas ao poder de ambas as partes em confronto.

Palavras-chave: Fotografia. Luiz Abreu. SINDJORS.

Abstract: This essay aims to present an analysis of the form of expression and content of five photographs belonging to the collection of the Sindicato dos Jornalistas do Rio Grande do Sul - SINDJORS with authorship of the photographer Luiz Abreu, whose theme refers to the struggle for land in Rio Grande Sul, 1980s. Thus, the elements of the form of expression refers to the means of production of these images as content elements relate to the production context of these photographs. For this, the images were considered

¹ Acadêmica do curso de Museologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS.

² Doutora em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS e professora adjunta na mesma instituição, exercendo suas atividades no Curso de Museologia da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação e no Programa de Pós-Graduação em Educação, da Faculdade de Educação.

as cultural units and subjected to an interpretative grid composed of different spatial categories. Were identified and problematized certain visual patterns, especially linked to the demonstration of strength and symbolic objects, suggesting that such images constructed representations linked to the power of both warring parties.

Keywords: Photography. Luiz Abreu. SINDJOR.

INTRODUÇÃO

A questão da terra no Brasil perpassa a história do País desde o período colonial à atualidade. A luta pela terra configura-se como um conflito político, cultural e social, caracterizando-se por um conjunto de ações com objetivo de reivindicar o uso e a posse da terra de forma justa e igualitária entre os diferentes grupos sociais. Alguns momentos dessas lutas foram registrados pelas lentes dos fotógrafos e se constituem como memória e acervo documental da luta pela terra no Brasil.

Desde seus primórdios, por ter sido concebida como espelho da realidade, a fotografia se converteu em um aparato para o registro de acontecimentos, tornando-se um meio para a construção da memória. O uso documental³, desse modo, marca a história da fotografia, função que permanece ainda contemporaneamente. Registrando as transformações dos espaços urbanos e os acontecimentos, a imagem fotográfica colocou-se como documento para a construção do conhecimento histórico, embora inicialmente fosse vista com desconfiança pelos investigadores que privilegiavam os escritos em detrimento do visual como forma de alcançar a objetividade do passado.

Como qualquer documento produzido pela ação humana, a fotografia é carregada de intencionalidade. Particularmente, sua produção está baseada em três aspectos mutuamente relacionados: os condicionantes tecnológicos que proporcionam a elaboração das imagens, o contexto histórico e social e o olhar do autor fotógrafo. O olhar do fotógrafo, sem dúvida, particulariza a elaboração das imagens, embora possam ser identificados padrões de visualidade (BAXANDALL, 2006) de determinada época, no âmbito da dimensão apontada por Ulpiano Bezerra de Meneses (2005) como o visual. Nesse sentido, o fotógrafo seleciona motivos, ângulos, enquadramentos; recorta a realidade a sua disposição, construindo um olhar que lhe é próprio, mas calcado na sua subjetivação como sujeito inserido num contexto histórico e cultural que o marca indelevelmente. Assim, necessariamente, o olhar fotográfico enfatiza

³C.f MAUAD, Ana. **Através Da Imagem:** Fotografia e História Interfaces. Tempo, Rio de Janeiro, vol. 1, n 2, 1996, p. 73-98.

discursos em detrimento de outros; propõe miradas; estabelece relações e associações narrativas, construindo representações sobre o mundo e as coisas (CHARTIER, 1990).

Daí não ser possível, olhar as imagens fotográficas de modo desavisado e estas exigirem aportes cada vez mais sofisticados para sua decodificação. Pensar nas formas de ver e olhar os contextos através das lentes faz refletir sobre as condições históricas que embasaram a realização de tal enquadramento, ou a utilização de determinado foco. Ou seja, na atuação do fotógrafo, na expressão de Cartier Bresson, no “instante decisivo”. Portanto, traduzir esses significados só é possível por meio do questionamento sobre a dimensão social e política do ato de fotografar.

Não obstante, a fotografia como meio de elaboração de narrativas envolve aspectos intimamente relacionados à construção de uma memória visual. É possível notar que os recortes estabelecidos com as formas de registros, os momentos capturados, atuam também de maneira a direcionar o que poderá ser preservado, Pois, ao afirmar que “a memória é um fenômeno construído” (POLLAK, 1992, p.204) é parte fundamental desse processo as ações de preservação que estabelecem critérios políticos para essa seleção, práticas que contribuem para a elaboração das memórias dos grupos. Em decorrência, as fotografias se tornam patrimônio⁴ na medida em que são preservadas como documentos e monumentos (LE GOFF, 1984; MAUAD, 1996).

Nessa perspectiva, diferentes aspectos da memória da humanidade foram elaborados a partir da produção de imagens fotográficas. A preservação desses registros em acervos, museus, memoriais e bancos de imagens, por sua vez, intensificada contemporaneamente, deve-se à potência da concepção da fotografia como registro documental. Inúmeros repertórios estão sendo conservados, documentados, investigados, expostos e colocados à disposição de pesquisadores especializados e público leigo em diversos países, dando pistas da relevância que a fotografia alcançou no século XXI.

No entanto, conservar, guardar e expor fotografias não encerra a cadeia operatória (BRUNO,1998) a qual esses artefatos-imagens devem ser submetidos. Para alcançar relevância social e cultural, as imagens precisam ser miradas. Miradas sob diferentes olhares, todos capazes de construir interpretações sobre o visto. Daí o sentido da imagem e do artefato museológico, estar disponível ao olhar (POMIAN, 1984).

⁴Para pensar as categorias bens imateriais e matérias do patrimônio, Vera Dodebei, em seu artigo, “Patrimônio Digital Virtual: Herança, documento e informação”, diz que: “Compreende-se que esta questão surge a partir da preocupação de não apenas salvaguardar os vestígios do passado, como também incluir nesse processo as ações desencadeadas no tempo presente. Os bens de natureza imaterial são classificados na ordem dos saberes, dos fazeres, das comemorações, da tradição oral, quer seja a música, a dança a literatura, a língua” (DODEBEI, 2007, p. 7-8).

Para a construção do conhecimento científico sobre as imagens fotográficas, Knauss (1996), atenta para o potencial interdisciplinar dos estudos de cultura visual, ao apontar para a necessidade em inseri-los nas pesquisas das mais diversas áreas, ao situar a imagem como expressão da diversidade social. Dessa forma, assim como o documento escrito, as imagens também revelam aspectos importantes na elaboração dos códigos sociais, fornecendo caminhos para a leitura das culturas.

Nessa linha, este ensaio visa apresentar a análise da forma e do conteúdo (MAUAD, 2002) de um conjunto de fotografias pertencentes ao acervo do Sindicato dos Jornalistas do Rio Grande do Sul – SINDJORS, sobre a temática da luta pela terra. O Sindicato tem seus antecedentes quando um grupo de jornalistas, escritores, trabalhadores dos jornais e intelectuais decidem fundar, na sede da Associação Rio-grandense de Imprensa, em Porto Alegre, no ano de 1941, a Associação dos Trabalhadores em Empresas Jornalísticas no Rio Grande do Sul. Em 23 de setembro de 1942, a entidade passa a se denominar Sindicato dos Jornalistas Profissionais de Porto Alegre, até que, em 1984, assumiu o seu nome atual, Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Estado do Rio Grande do Sul. Como entidade profissional, o Sindicato visa garantir os direitos da categoria e promove debates e ações com vistas a integrar os diversos segmentos da sociedade.

Seu acervo fotográfico é composto por aproximadamente 1320 fotografias. As informações das imagens estão presentes em um arrolamento, contendo nome da coleção, quantidade e informações básicas como autoria, data e título. As fotografias encontram-se organizadas nos seguintes agrupamentos, a saber: Pessoas, com 109 imagens; Temas, com 466 imagens; Eventos, com 396 imagens; Autores, com 185 imagens; 164 fotografias sem autoria identificada. Além disso, o acervo possui 56 reproduções. Composto o grupo Temas encontram-se quatro envelopes sobre a Luta pela Terra. O primeiro envelope é composto por 24 fotografias, com o título Movimento dos Sem-Terra, cujas imagens contem diferentes datas. O segundo é constituído por 77 fotografias, com o título Guerra na Praça da Matriz 08/08/1990, com múltiplas autorias. O terceiro é composto por 19 fotografias, com o título Colonos de Nonoai Encruzilhada Natalino, sem identificação da autoria das imagens. O quarto é composto por 12 fotografias, intitulado Invasão da Fazenda Annoni, out/85, com autoria identificada de três fotógrafos.

Nesse ensaio será analisado um conjunto constituído por cinco fotografias pertencentes a esse acervo, com autoria do fotógrafo Luiz Abreu, relacionando essas imagens com o contexto da luta pela terra na década de 1980 no Rio Grande do Sul.

OS CONFLITOS PELA TERRA NA DÉCADA DE 1980

A década de 1980 foi um momento de intensos conflitos ligados à luta pela terra no Rio Grande do Sul. Nesse período, dentre outros aspectos, constata-se acentuado (re) direcionamento nas estratégias políticas do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra - MST, que passa, a inserir em suas ações aspectos incisivos de resistência. Esse posicionamento é resultado direto de um percurso marcado pelo descaso do Estado e da sociedade com a questão agrária.

De acordo com Christa Berger (2003), na década de 1980 o movimento da luta pela terra realizou em torno de dezoito ocupações, e, entre elas, algumas obtiveram êxito e outras tiveram o despejo como resultado final. Em 1984, ano marcado por intensas manifestações sociais pelo País em prol de eleições diretas, marcou também a criação do MST, dando às lutas pela terra novas estratégias e orientações. O processo dessas ocupações foi composto por intensos conflitos, contando com forte repressão do Estado e dos grandes proprietários de terras que contavam na época como o apoio da Federação da Agricultura do Estado do Rio Grande do Sul- Farsul⁵, e da União Democrática Ruralista - UDR⁶.

Dessa forma, tendo como base o contexto histórico exposto aqui de modo muito breve, a seguir, serão apresentados e problematizados os padrões de visualidade identificados no conjunto.

AS IMAGENS FOTOGRÁFICAS SOBRE A LUTA PELA TERRA

O conjunto de fotografias em estudo se refere a três ocupações ocorridas nesse período, a saber: ocupação da fazenda São Juvenal, com duas imagens; ocupação da fazenda Salso, em Palmeiras das Missões, com uma fotografia; ocupação da fazenda Burity, em São Miguel das Missões, com duas imagens. Cabe salientar, que as cinco fotografias de Luiz Abreu, presentes nesse ensaio, foram produzidas no período em que o fotógrafo trabalhou para o jornal O Globo. Atualmente essas fotografias encontram-

⁵Sobre a Farsul, Christa Berger, diz que: “No Rio Grande do Sul há tradição de união de empresários rurais para defender a terra. A Farsul, criada em 1927, enfrentou em 1960 sua primeira grande luta por questões agrárias contra o Master”. (BERGER, 2003, p. 95)

⁶Conforme, Christa Berger: “A UDR é criada em 1985, quando o Governo Sarney elaborava um plano de reforma agrária, como uma organização paralela ao movimento sindical, para, através da contratação de assessores jurídicos, sustar desapropriações de terras, financiar campanhas para cargos eletivos, além de sustentar milícias armadas para defender terras dos membros da organização. Não que elas não fossem defendidas com armas antes, a diferença é que agora elas são assumidas por uma organização e não praticadas individualmente”. (BERGER, 2003, p.95)

se no acervo do SINDJORS, porém se desconhece a forma de aquisição dessas imagens pelo Sindicato.

Desse modo, ao considerarmos a trajetória do fotojornalismo, o período compreendido entre as décadas de 1960 e 1980 envolve a segunda revolução da atividade (Sousa, 1998), onde se identificam mudanças significativas, como por exemplo, início do aumento nas formas de reprodução das imagens⁷, ampliação nos espaços e formas de circulação das fotografias em periódicos e revistas⁸. Em suma, pode afirmar-se que “esta mudança foi incorporada ao privilégio dado à captura do acontecimento sensacional e na industrialização da atividade” (DIAS, 2009, p.77). Nesse sentido, as imagens presentes na análise estão imersas nessa dinâmica.

Desse modo, para efeitos de análise, o conjunto não sofreu desdobramentos, resultando em um único grupo temático, intitulado, LUIZ ABREU: As imagens de enfrentamento. Para isso, foi realizada uma breve contextualização da ocupação da fazenda, em diálogo com a análise de conteúdo e forma da fotografia baseada nas categorias espaciais expostas por Ana Mauad (2002). Estas categorias são: “[...] formas de expressão (elementos da forma da expressão fotográfica); espaço geográfico (lugares onde as fotos foram retiradas); espaço do objeto (objetos interiores, exteriores e pessoais); espaço da figuração (forma como as pessoas se apresentam na imagem e as relações que apresentam entre si, tanto em termos de gênero como de idade); espaço do evento/vivência (a questão da terra, fazendas ocupadas nas imagens)” (MAUAD, 2002, p. 14).

Na composição das categorias de análise, utilizou-se a base proposta por Ana Mauad (2002), porém, para um diálogo mais próximo com o conjunto foram realizadas algumas adequações⁹. A seguir, será apresentada uma breve biografia do fotógrafo seguida de alguns dados tabulados a partir das unidades culturais investigadas.

⁷As *still-video cameras* dos anos oitenta representam uma nova evolução. Elas asseguram uma maior rapidez da transmissão, já que, não funcionando com filme, mas com um *chip* que armazena imagens que podem ser transmitidas para um disco de computador, evitam o processamento da película tradicional. Mas também apareceram digitalizadores de imagem a partir dos negativos, o que acelerou o processo de edição e transmissão a partir do tradicional suporte filme. Por outro lado, a proliferação de computadores portáteis permite uma rápida edição da imagem. O fotojornalista, para transmitir, só precisa chegar ao telefone mais próximo ou, mais recentemente, enviar através dos aparelhos digitais de telecomunicações por satélite” (SOUSA, 1998, p.148).

⁸A década de oitenta assistiu também a um renovado interesse das revistas pela imagem fotográfica. Não só aumenta o espaço consagrado à fotografia, mas também o espaço dedicado a cada fotografia”. (SOUSA, 1998, p.145)

⁹ *Espaço Geográfico*: rural inóspita, rural cultivada, MST/faz ocupação, MST/desocupação. *Espaço de figuração*: latifundiários, capangas, grupo misto homens/mulheres e crianças (campesinos (as)), grupo somente de homens adultos (campesinos), grupo misto adulto feminino e masculino (campesinos (as)), soldados da brigada militar. *Espaço de figuração (atributo das pessoas)*: soldados da brigada militar armados, campesinos (as) entrando em confronto com a brigada/momento de tensão, campesinos (as) entrando em confronto com fazendeiros e jagunços, soldados da brigada militar coagindo campesinos, fazendeiros e capangas coagindo campesinos, campesinos correndo, campesinos em fila coagidos,

LUIZ ABREU: AS IMAGENS DO ENFRENTAMENTO

Luiz Abreu nasceu em 1946 na cidade gaúcha de Santiago. Em 1968 mudou-se para Porto Alegre para estudar química na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Em 1973, enquanto trabalhava como atendente no manicômio judiciário, começa a fotografar os pacientes. Inicia sua carreira profissional como fotojornalista na Folha da Manhã em 1974, passando a trabalhar, em 1977, em conjunto com o jornal da Cooperativa dos Jornalistas. No ano seguinte participa da fundação da agência Ponto de Vista, onde publica um ensaio fotográfico que posteriormente se tornou seu primeiro livro “Rio Grande do Sul: Santa Soja”. Foi finalista do concurso de fotografia Casa de Las Américas em 1995 com seu ensaio “A Luta pela Terra no Sul do Brasil”. Luiz Abreu tornou-se um renomado fotógrafo documental e suas fotos compõem o acervo de diversos museus no Brasil, tais como Museu da Fotografia Cidade de Curitiba e o acervo da coleção Masp-Pirelli, e coleções internacionais como a Coleção Aidée Santamaría, em Cuba.

As cinco fotografias de Luiz Abreu aqui analisadas se referem a três ocupações de terra, a saber: duas correspondes à desocupação da fazenda São Juvenal (1987), uma referente à ocupação da fazenda Salso, em Palmeira das Missões (1988), e duas relacionadas à ocupação da fazenda Buriti, em São Miguel das Missões. Desse modo, na categoria Espaço geográfico foi predominante nas cinco imagens a paisagem Rural Inóspita, mostrando áreas não cultivadas. Na categoria Espaço de Figuração verificou-se a presença de latifundiários e capangas em 40% dos registros. As fotografias de Luiz Abreu apresentam a predominância de grupos de homens camponeses em 40% dos registros. Sendo que em uma imagem percebe-se uma composição de mulheres e crianças. Ainda no Espaço de Figuração, no atributo das pessoas, evidenciou-se 40% de registros entre camponeses e soldados da Brigada Militar (BM) e 40% de conflitos entre camponeses, capangas e latifundiários, bem como 60% das imagens apresentam soldados armados, o que sugere um cenário tenso.

Com relação ao Espaço do Objeto, salientou-se a predominância de objetos pessoais e exteriores. No desdobramento, destaca-se a presença em 80% das

camponeses agachados coagidos, soldados da brigada militar caminhando/correndo. *Espaço do objeto:* objetos exteriores, objetos pessoais. *Desmembramento dos objetos:* Objetos externos: foice, enxadas, cerca, armas soldados. Objetos pessoais camponeses (as): chapéu de palha, sacos/sacola. *Espaço de vivência/evento:* na ocupação/no assentamento, desocupação, conflito/tensão, barreira da bm, rompimento da barreira, truculência. *Formas de Expressão:* tipo de suporte: analógica. *Tipo de foto:* instantânea, retrato camponês (a). *Enquadramento I:* sentido da foto: horizontal. *Enquadramento II:* direção da foto: centro, direita p/ esquerda, esquerda p/ direita. *Tipos de objetivas:* normal e grande-angular.

fotografias as armas dos soldados da BM. Destaca-se a presença da foice em 20%, da cerca em 100%, e do chapéu de palha em 60% das imagens.

No Espaço de vivência/evento, aparecem 60% na ocupação/assentamento, e 60% em situação de conflito/tensão. Na presença de 40% imagens dando a ver as barreiras da BM, em contraponto, há o registro do rompimento da barreira pelos camponeses, em uma imagem. Evidencia-se a presença do retrato de um camponês com uma foice. Sobre as objetivas, observa-se a presença de fotografias com lente normal e grande-angular. A seguir serão apresentados os padrões de visualidade na série de Luiz Abreu, após a análise categorias acima descritas.

DEMONSTRAÇÃO DE FORÇA

Neste trabalho, as duas imagens em preto e branco referentes à desocupação da fazenda São Juvenal, foram produzidas com lente normal. Uma delas é o registro do momento em que um camponês é coagido, subjugado pelos jagunços e fazendeiros do local, salientando-se que essa situação específica foi registrada por diversos fotógrafos, conforme pesquisa realizada nos jornais do período. Assim, criou-se uma sequência de fotografias, na qual a imagem presente neste ensaio incorpora-se numa narrativa do acontecido.

O conjunto de ações políticas do MST realizado após 1986 terá como eixo organizativo o acampamento de Annoni. As ocupações do período apresentaram as novas estratégias do movimento pautadas principalmente na remodelação política, representadas por meio de estratégias que (re) configuraram suas formas de resistência no campo político e simbólico, por meio de posicionamentos mais incisivos, e na criação e utilização de uma bandeira para o movimento. Assim, como expressa Hoffman (2002, p. 164) “[...] O ano de oitenta e sete será marcado por diversos episódios representados pelos annonis¹⁰, que realizam doze ocupações, além de ações como a tentativa de marcha a Cruz Alta, que acabou em confronto com a Brigada Militar[...]”.

Nesse sentido, a ocupação da Fazenda São Juvenal, no município de Cruz Alta-RS acontece, nesse contexto, realizada em julho de 1987, por um grupo de camponeses oriundos da Fazenda Annoni. As áreas ocupadas nesse período apresentam características em comum, alternando-se entre “[...] fazendas em processo de desapropriação pelo INCRA, terras públicas sem ou de baixa utilização e hipotecadas [...]” (HOFFMAN, 2002, p.165), situação, que em tese, poderia “amenizar” o confronto

¹⁰ Como são chamados os camponeses oriundos da Fazenda Annoni.

do Estado e proprietários de terras com os camponeses e camponesas. Porém, mesmo apresentando essa característica, o processo de desocupação da Fazenda São Juvenal se deu de forma violenta.

Uma das imagens (fotografia 1) apresenta o camponês e os jagunços em primeiro plano. Pode-se inferir, pelas expressões da imagem a situação humilhante a qual o camponês é submetido, sozinho, sem a presença de seus companheiros, em uma demonstração de força, sendo covardemente coagido, subjugado por jagunços e fazendeiros que fazem a guarda da fazenda. A simbologia dessa fotografia é complexa, pois, o contexto, nos remete à presença significativa de fotógrafos no local, sendo que a imagem foi amplamente divulgada, porém, ainda assim, os jagunços e fazendeiros não se sentem constrangidos em dar continuidade ao ato. Em sintonia, a imagem seguinte (fotografia 2) configura-se no registro sobre a tensão instaurada na estrada que dava acesso à fazenda. A imagem dá a ver um contingente de policiais, em torno de dez, um jagunço, e um latifundiário que aparecem ao fundo, atrás da barreira de contenção formada pelos soldados da brigada militar.

Fotografia 1



Fonte: Acervo do SINDJORS. Fotógrafo: Luiz Abreu.

Fotografia 2



Fonte: Acervo do SINDJORS. Fotógrafo: Luiz Abreu.

Nessa imagem (fotografia 2), a disposição dos personagens, soldados da BM formando uma barreira e os latifundiários posicionadas atrás dela, expõe o jogo político nas relações entre Estado e latifundiários em primeiro plano, pois, no registro, evidencia-se a postura do Estado na defesa dos proprietários de terras, por meio das forças armadas que promovem a segurança de seus bens. No processo de desocupação, “os ocupantes foram mantidos isolados da São Juvenal e depois despejados de forma humilhante pelos fazendeiros e seus jagunços, com a conivência da Brigada Militar” (HOFFMAN, 2002, p. 167).

Esse descompasso e descaso do Estado e da sociedade civil com relação às reivindicações do movimento desencadeou uma nova reorganização nas suas estratégias, que a partir de então foram pautadas em ações menos pacíficas de

resistência. A análise das variáveis presentes nas imagens permitem verificar a construção de representações relacionadas ao enfrentamento e à ação violenta dos fazendeiros, legitimada pelo Estado que em nenhum momento reagiu contra as truculências presentes no processo.

Para compor o quadro de ações no final de 1980, é realizada a ocupação da fazenda Buriti, no Município de São Miguel das Missões - RS, em julho de 1988. Sobre essa ocupação Hoffman (2002), diz que:

No 'Dia do Agricultor', o movimento Sem Terra volta às manchetes dos jornais, com uma ação realizada pelos missioneiros¹¹ a ocupação da fazenda Buriti, em São Miguel das Missões, realizada por setecentas famílias. A Brigada Militar e os jagunços da UDR cercam o acampamento e mantêm os ocupantes incomunicáveis. No terceiro dia, o juiz de Santo Ângelo concedeu a reintegração de posse. [...] Na tarde do dia seguinte, o Secretário Estadual da Agricultura, Odacir Klein, foi até o acampamento. Depois de cinco horas de reunião com os agricultores, decidiu acatar e executar as reivindicações dos acampados. (HOFFMAN, 2002, p. 217)

Sobre esse evento serão aqui apresentadas duas imagens (fotografias 3 e 4) em preto e branco. Nas duas imagens, constata-se a presença de soldados da brigada militar e colonos em primeiro plano. As fotografias foram registradas com lente grande angular. Na primeira (fotografia 3), verifica-se o direcionamento da imagem da direita para esquerda, dando visibilidade ao grupo de camponeses, portando e, erguendo enxadas. Eles estão dispostos em frente ao contingente de soldados da brigada militar, que estão formando uma barreira de contenção, portando armas de fogo e montando guarda na estrada de acesso à fazenda. Nesse ponto, percebe-se a demonstração de força de ambos os lados com posicionamentos e formas diferentes. Essa fotografia é acompanhada da legenda¹²: S. Miguel das Missões – Grupo de colonos é detido na barreira policial. Foto Luiz Abreu 28/07/88.

Na próxima imagem (fotografia 4), a ação presente é o rompimento da barreira de soldados da Brigada pelos camponeses, agora, a imagem é composta por um soldado armado em meio ao grupo de camponeses que corre em direção à fazenda, gesticulando, apontando a direção para os outros companheiros, adiante, se percebe a presença de outro fotógrafo que corre à frente do grupo, conferindo, novamente, aspectos de destaque pela imprensa na temática da luta pela terra. A imagem é

¹¹ Os missioneiros era a forma como se identificavam os acampados da fazenda de Barra localizada também em São Miguel das Missões.

¹² Sobre as legendas presente nas imagens, sabe-se que foram elaboradas pelo fotógrafo Luiz Abreu, porém desconhecemos se especialmente para o jornal O Globo, ou para o acervo do SINDJORS.

acompanhada da legenda¹³: S. Miguel das Missões – Grupo de colonos furam barreira policial. Foto Luiz Abreu 28/07/88.

Fotografia 3



Fonte: Acervo do SINDJORS. Fotógrafo: Luiz Abreu.

Fotografia 4



Fonte: Acervo do SINDJORS. Fotógrafo: Luiz Abreu.

O processo para essa ocupação envolveu um conjunto de ações mais incisivas, dentre elas: o não acatamento da decisão judicial e um funcionário federal como refém. A composição de estratégias e posicionamento incisivo do movimento resultou na intervenção do secretário da Agricultura e Abastecimento do Rio Grande do Sul, Odacir Klein no acampamento. Apesar da ofensiva e agressiva presença da UDR e da brigada militar, bem como o resultado final ter sido o despejo, com realocação em Tupanciretã, os camponeses alcançaram diversas reivindicações, o que conferiu à ocupação um desfecho positivo para o movimento.

OBJETOS SIMBÓLICOS

No mesmo período, em novembro de 1987, é realizada a ocupação da Fazenda Salso, no município de Palmeira das Missões - RS, com mil e quinhentas famílias. Essa ação já integra a reorganização resultado do processo de São Juvenal. A situação das terras em questão já não se enquadra nas características apontadas anteriormente, como processo de desapropriação, hipotecas, dentre outras. Agora, como aponta Hoffman (2002) trata-se das terras do ex-deputado Plínio Pereira Dutra (MDB¹⁴). Com relação a essa estratégia, “[...] não há de se desconsiderar que estas áreas¹⁵ são propriedades de dois ex-deputados, um dos quais havia sido candidato ao Governo do

¹³Novamente, sabe-se que a legenda foi elaborada pelo fotógrafo Luiz Abreu, porém desconhecemos se para o jornal O Globo, ou para o acervo do SINDJORS.

¹⁴Movimento Democrático Brasileiro.

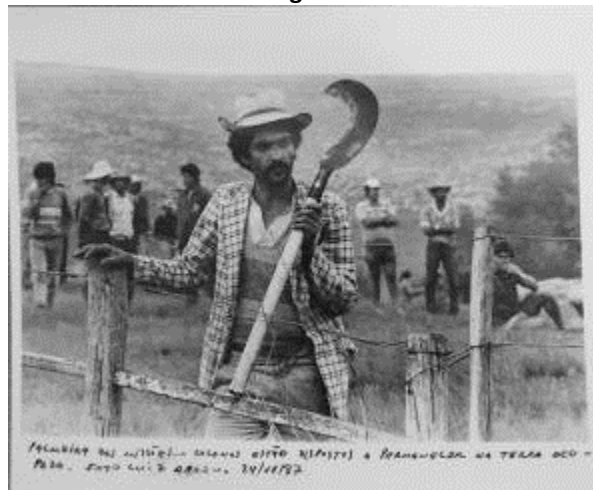
¹⁵Hoffman faz menção à outra ocupação realizada no mesmo período com as mesmas estratégias.

Estado e vai ser secretário da Agricultura do próximo, ou seja, uma pessoa com influência e capacidade de reação.” (HOFFMAN, 2002, p.213)

Sobre essa ocupação será apresentada uma imagem (fotografia 5), em preto e branco. Com relação aos objetos simbólicos presentes na série, identifica-se, a foice (2 imagens, 40%), a enxada (1 imagem, 20%), a cerca (5 imagens, 100%), e o chapéu de palha (3 imagens, 60%).

Em uma das imagens, um retrato produzido com teleobjetiva, em primeiro plano, evidencia-se um colono, com expressão atenta, decidida, com olhar vigilante, cauteloso, portando uma foice, instrumento utilizado na lida diária do campo, e com presença significativa na história do MST; em segundo plano, um grupo de camponeses homens conversando de forma prudente.

Fotografia 5



Fonte: Acervo do SINDJORS. Fotógrafo: Luiz Abreu.

A fotografia é acompanhada pela seguinte legenda¹⁶: Palmeira das Missões – colonos estão dispostos a permanecer na terra ocupada. Foto Luiz Abreu -24/11/87. Que nos remete novamente ao registro das expressões, ações de enfrentamento nas imagens de Luiz Abreu. Outro elemento presente na imagem acima, e em grande parte das fotografias do MST é a cerca, que demarca física e, principalmente, simbolicamente a propriedade da terra, o espaço, criando fronteiras, deixando visível o poder de dominação do território aos olhos. Dessa forma, após o pedido de reintegração de posse, negociações envolvidas, com alguns ganhos para os camponeses, o resultado final foi a desocupação das terras por parte deles.

Outro ponto importante da ocupação em Palmeira das Missões é a presença da Bandeira do Movimento, simbolizando o direcionamento organizativo da luta. Portanto, pode-se inferir que as variáveis presentes na imagem sobre a ocupação

¹⁶ Igualmente, a legenda foi elaborada pelo fotógrafo, porém desconhecemos se para o jornal ou para o acervo.

representam esse novo posicionamento do movimento, por meio do retrato do camponês com uma postura atenta e olhar vigilante, com a foice nas mãos, dando a entender que já aguardam a coerção, e principalmente, estão preparados, e dispostos a enfrentar política e simbolicamente as ações de repressão.

Nessas imagens, as variáveis identificadas suscitam a elaboração de representações vinculadas à organização e às estratégias políticas e simbólicas do movimento. A postura incisiva, direta, decidida dos camponeses, resultando no rompimento da barreira de soldados da brigada militar, demonstrada na imagem, constrói sentidos ligados ao entendimento de seu posicionamento para driblar as barreiras da repressão, da violência desmedida, e do descaso histórico do Estado e da sociedade civil para com as demandas da reforma agrária. As imagens fotográficas, ao privilegiarem esses aspectos, reforçam as representações de resistência organizada dos camponeses.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise das fotografias permitiu identificar algumas peculiaridades nas imagens, destacando aspectos no recorte fotográfico estabelecido no momento dos registros. Desse modo, sugere-se como interpretação na série de Luiz Abreu a presença dos padrões Objetos Simbólicos e Demonstração de Força.

Nesse sentido, os Objetos Simbólicos de maior recorrência são a cerca e o chapéu de palha. Além disso, alterna-se a presença de instrumentos da lida no campo, com a foice e a enxada, presentes em 3 fotografias. Já Demonstração de Força é recorrente por meio das unidades culturais, soldados da brigada militar armados, camponeses entrando em confronto com a brigada/momento de tensão. As diferentes abordagens se apresentam nas unidades, barreira da BM, e rompimento da barreira, que identificam a demonstração de força do movimento também.

Assim, as representações do padrão demonstração de força, presentes em ambos os lados, dão a ver a desigualdade de poder entre os soldados da brigada militar e os camponeses do MST. Ou seja, nelas é possível identificar um elemento detentor de maior poder, o Estado, que coloca suas forças na defesa da propriedade privada para conter o movimento, supostamente fora da legalidade. Emblemáticas, nessa interpretação, seriam as imagens do camponês sendo conduzido pelos soldados (fotografia 1) e da barreira de soldados posicionada em proteção aos fazendeiros (fotografia 2). Por outro lado, os camponeses não são apenas dados a ver nas imagens fotográficas como vítimas da força visível do Estado, mas também como sujeitos dos acontecimentos. Nesse segundo caso, as imagens assumem as formas de organização

do movimento da luta pela terra ao registrarem momentos de ação e reação dos camponeses (a) durante as ocupações e desocupações (fotografia 4).

A análise aqui proposta não esgota as múltiplas possibilidades de leituras que suscitam as imagens fotográficas de Luiz Abreu ligadas à luta pela terra no Brasil. Mirando-as, foram aqui sugeridos sentidos interpretativos ligados, por um lado, à demonstração de força por parte do Estado, aqui simbolizado pelos soldados da Brigada Militar; por outro lado, ligados à capacidade de organização coletiva dos camponeses na escolha de estratégias de ação e reação em prol de seus objetivos. Nos dois casos, essas imagens tecem uma trama entre visibilidade e invisibilidade, construindo representações ligadas ao poder de ambas as partes em confronto.

Nesse sentido, essas imagens fotográficas talvez não se configurem como chaves de acesso para a compreensão dos acontecimentos daquele contexto, mas sejam mais uma peça da montagem a ser realizada para compor um imenso quebra-cabeças, composto por diferentes olhares que constituem o imaginário sobre a luta pela terra no Brasil. Daí a importância da preservação desses acervos fotográficos, pois somente através da sua conservação pode-se mirar essas imagens e propor interpretações sobre os sentidos que suscitam no presente.

REFERÊNCIAS

- BAXANDALL, Michael. **Padrões de intenção**: a explicação histórica dos quadros. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- BERGER, Christa. **Campos em confronto**: a terra e o texto. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2003.
- BRUNO, Maria Cristina Oliveira. **Museus, identidades e patrimônio cultural**. Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia. Suplemento 7, p.145 – 151, 2008a.
- CHARTIER, Roger. **A História Cultural**: Entre Práticas e Representações. Rio de Janeiro: Bertrand, 1990.
- DIAS, Cláudio Fachel. **História e fotojornalismo nas páginas do jornal Última Hora (RS)**: imprensa e política na crise da Legalidade (1961). 2009. 145 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História, Puc-rs, Porto Alegre, 2009. Cap. 90410004.
- DODEBEI, Vera. **Patrimônio Digital Virtual**: Herança, documento e informação. In: REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA (RBA), 26, 2007, Porto Seguro, 2007. p. 02 - 9.

HOFFMAN, Leandro Sidinei Nunes. **Da cruz à bandeira: a construção do imaginário do Movimento Sem Terra/RS, 1985-1991.** 2002. 401 f. Tese (Doutorado) - Curso de História, IFCH, UFRGS, Porto Alegre, 2002.

KNAUSS, Paulo. **O desafio de fazer história com imagens: arte e cultura visual.** *Articultura*, Uberlândia, v. 8, n. 12, p. 97-115, jan./jan., 2006.

LE GOFF, Jacques. **Documento/Monumento.** In: Enciclopédia Einaudi. Lisboa: Imprensa Nacional/ Casa da Moeda, 1984. v.1

MAUAD, Ana. **Imagens da terra: fotografia, estética e história.** *Locus: Revista de História*, Juiz de Fora. Vol. 8, nº2, p. 9-36, 2002.

_____. **Através Da Imagem: Fotografia e História Interfaces.** *Tempo*, Rio de Janeiro, vol. 1, n.º 2, 1996, p. 73-98.

MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. **Rumo a uma história visual.** In: MARTINS, José de Souza. ECKERT, Cornelia. NOVAES, Sylvia (Org.). *O imaginário e o poético nas ciências sociais.* Bauru, SP: EDUSC, 2005. p. 33-56.

POLLAK, Michael. **Memória e Identidade Social.** *Revista Estudos Históricos.* Rio de Janeiro, vol. 5, n10, 1992, p. 200-212.

POMIAN, Krzysztof. **Coleção.** In: *Memória e História.* Lisboa: Casa da Moeda/Imprensa Nacional, 1984.

SCHEINER, Tereza Cristina. **Repensando o Museu Integral: do conceito às práticas.** *Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Cienc. Hum.* Belém, v. 7, n. 1, p. 15-30, jan.-abr. 2012

SOUSA, Jorge Pedro. **Uma história crítica do fotojornalismo ocidental.** Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2000.